

---

## **MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: A BARRAGEM E A DIÁSPORA DE SÃO RAFAEL/RN NAS NARRATIVAS DOS TRABALHADORES RURAIS**

Ms. Jovelina Silva Santos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

[jovelinassantos@hotmail.com](mailto:jovelinassantos@hotmail.com)

### **1. Introdução**

O propósito do presente trabalho é apresentar a riqueza e a fecundidade das narrativas dos trabalhadores rurais de São Rafael/RN como possibilidade para a pesquisa e o ensino de história local e educação patrimonial. Essa é a perspectiva de um projeto ainda em fase de elaboração e que tem como base as histórias de vida de trabalhadores rurais que viveram e outros que ainda permanecem nas ribeiras do Piranhas-Açu.<sup>1</sup>

Buscar estabelecer uma discussão que tenha como elemento norteador as narrativas dos são-rafaelenses em torno do Projeto Baixo-Açu e a perspectiva dessas memórias se constituírem como fontes para a história local – em sua dimensão pesquisa/ensino, imbricadas na proposta de educação patrimonial, é resultado de uma série de preocupações que se apresentam a partir das reflexões realizadas e compartilhadas pelos e com os graduandos em História. Algumas lacunas historiográficas, notadamente no campo da história local, a dificuldade dos professores de História na educação básica na abordagem do local e a quase completa ausência de acervos mantém entre si algumas relações. Essas questões representam desafios que requerem reflexão e exigem esforços no estabelecimento de diálogos com a comunidade e instituições que tenham em relação aos acervos de memória e a educação patrimonial interesses afins, de modo que projetos na área da pesquisa e constituição de acervos possam ser realizados. Além da produção de conhecimentos, é necessário discutir a relevância da história local e a educação patrimonial nos currículos escolares, na perspectiva de que o conhecimento produzido possa gerar novos saberes. A título de exemplo, trago o Projeto *São Rafael, Memória da Cidade*, realizado pelo Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, resultando na produção de três documentários e uma publicação que de acordo com Jô Carvalho (1999), “*passará a integrar as atividades do novo currículo que, a partir de 1999, incluirá a história local em sua programação*”. Como essa

discussão ocorreu na rede pública de ensino em São Rafael, se a proposta efetivou-se e quais as suas dimensões, são questões que requerem investigação minuciosa, uma vez que as informações que tenho são fragmentadas e esparsas.

## **2. Narrativas da diáspora**

Inicialmente é necessário apresentar os narradores e os lugares de onde falam, de modo que possamos compreender o enredo em que situam o engendrar de experiências e a maneira de denúncia, de brado contra o esquecimento como as apresentam. Expropriados de suas terras e moradias por ocasião do desenvolvimento do Projeto Baixo-Açu, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980<sup>2</sup>, os trabalhadores rurais de São Rafael, conhecida hoje como a Atlântida do sertão, vivenciaram períodos de grande turbulência em face do impacto social e ambiental do referido Projeto que assumiu proporções assustadoras ao desalojar 20.250 pessoas (VALENCIO, 1995), dispersando e desestruturando comunidades tradicionais em seus modos de ser e viver. A inundação de imensas áreas de palmeiras nativas (carnaubais), minas de mármore e sheelita, pôs em risco a sobrevivência econômica de centenas de trabalhadores, evidenciando que, na relação custo-benefício, o primeiro acabou ficando por conta das comunidades expropriadas. Das três etapas previstas no Projeto, apenas a primeira se efetivou, enquanto a não execução das outras fases relegava ao esquecimento o seu caráter social (SILVA, 1992), aprofundando a insatisfação já existente entre os trabalhadores.

Em maio de 1983, ocorreu a inauguração da barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves. Nos ombros dos trabalhadores o peso e o preço do progresso e da revolução verde - promessas de redenção para o Vale do Açu, proclamadas pelos governos e órgãos do Estado em discursos apologéticos que saudavam a modernização do campo enquanto silenciavam sobre as condições de centenas de famílias desalojadas, e não indenizadas.

Nas narrativas dos antigos moradores, podemos reencontrar além da cidade submersa, seus diferentes espaços de memória - instituidores da identidade social que, ao emergirem, suscitam indagações sobre as raízes históricas da antiga São Rafael, sobre os impactos sócio-ambientais, econômicos e culturais para os grupos sociais

desfavorecidos, sobre a luta dos trabalhadores e sobre a realidade social na qual estão inseridos atualmente. É nessa relação história local e memória que passado e presente poderão ser reelaborados e resignificados tanto pelas gerações passadas que participaram pessoalmente do processo de deslocamento, quanto pelas atuais que o apreende na socialização dessas experiências. Trazer à tona essas memórias possibilita conhecer a história do município, dimensionando a luta e a resistência dos trabalhadores ribeirinhos ao longo do processo de transposição da velha para a nova São Rafael, bem como as dificuldades enfrentadas por eles na reorganização da vida cotidiana em outros espaços.

No conjunto de tais narrativas, recorto as de Rafael Arcanjo da Costa, em face da força social simbólica que ela assumiu ante seus companheiros de jornada. É neste sentido que me aproprio da perspectiva de Nazira Abib Vargas (1987b) para falar do *canto e lamento* do agricultor/poeta, que tal Ariadne<sup>3</sup>, traz o fio que permite enveredar pelos labirintos da memória e perscrutar histórias silenciadas.

Meu primeiro contato com o novo narrativo do poeta foi a partir da leitura de outra pesquisa de fôlego realizada por Vargas (1987)<sup>4</sup> na qual a autora se debruça sobre a opressão vivenciada pelos ribeirinhos do Vale do Açu em diferentes momentos históricos, utilizando fartamente as histórias de vida colhidas nas residências, roçados, vazantes e reuniões dos sindicatos. São os versos de Rafael Arcanjo da Costa, produzidos na década de 1980, no calor e ardor dos acontecimentos e posteriormente reunidos numa publicação póstuma (SILVA, 1998), que trago para discutir a questão. Decerto que a totalidade das narrativas de Rafael Arcanjo não foram colhidas num processo de intervenção direta de um pesquisador. No entanto, em muitos desses versos observa-se o diálogo com Nazira Abib Vargas e pessoas da comunidade, onde o agricultor-poeta conversa livremente sobre todas as questões que dizem respeito a vida dos agricultores. Catalizando em sua poética profética os significados do projeto Baixo-Açu, afirma que “*Essa barragem foi a maior seca*” para os ribeirinhos. Ainda na esteira das aflições vivenciadas pelos ribeirinhos, o poeta nos permite vislumbrar outras formas de como os agricultores ribeirinhos produziam alimentos – o cultivo nas vazantes – ao denunciar o abandono dessas áreas e a fome que vitimava *O povo do Rio Piranhas* nos seguintes versos: *Olhei o Rio Piranhas/ Ví que não estava plantado/O*

*povo tinha saído/ Pelo DNOCS expulsado/ Ví tanta areia boa/ E tanta fome no Estado.* Em sua fala, além de alertar para a necessidade de organização dos trabalhadores apresenta com riqueza de formas e detalhes a vida na São Rafael submersa e a dispersão dos trabalhadores rurais.

Entre partidas e retornos, as comunidades atingidas pelas águas da barragem vão construindo estratégias de luta e sobrevivência, refazendo e reformando os espaços que lhes foram impostos na nova São Rafael ou migrando para outros chãos – sejam esses os municípios vizinhos ou Estados de outras regiões do país. Vejamos o que nos diz Rafael Arcanjo sobre a vida na nova cidade: *Aqui na cidade nova/ o que achei diferente/ as casas não ter cozinha/ Faz o comer no sol quente/Além do pão ser pouco e ruim/ Torna-se a mulher doente.*

Explicitando a dureza do dia-a-dia, abordando a dispersão forçada, a destruição de riquezas ambientais – fonte de trabalho e sobrevivência, em outro de seus versos intitulados *Tudo isso é produto da Barragem*, Rafael canta, lamenta e denuncia buscando traduzir o sentimento de impotência dos trabalhadores:

*Acabou-se os minérios de sheelita/ Os de mármora que ficou  
mergulhado/E o povo ficou debandado/Sofrendo uma fome  
esquisita/Pelo mundo saiu atrás da dita/Ceará, Pernambuco e  
Goiás/Ninguém sabe se eles voltam mais/Ou se fica rodando  
sem ser rodo/Vir limpar pedra fazendo vez de doido/Tudo isso é  
produto da barragem.*

É importante salientar que os versos de Rafael Arcanjo são narrativas construídas no calor dos acontecimentos de que tratam e buscam traduzir e interpretar esse presente vivido: a desestruturação de diferentes ramos de atividades ( extrativismo, agricultura de vazante e artesanato) provocando impactos na vida social dos trabalhadores que forçados à ociosidade, sofrem duras privações. Não obstante, ancora-se na memória coletiva para revisitar o passado, vinculando diferentes temporalidades (passado/presente/presente/passado) e sujeitos sociais, imbricados em uma teia que guarda semelhanças e diferenças e de modo singular dizem respeito à comum experiência da opressão: *A mais de trezentos anos/Que os índios foram*

---

*expulsado/Agora os filhos da terra/ Que aqui foram criado/Estão passando a mesma dor/ Que os índios tinham passado.*

As narrativas traçam paralelos entre a antiga e a nova São Rafael, evidenciam as dificuldades de adaptação aos novos espaços readequando-os às necessidades sociais e as tradições culturais de seus moradores, cujas memórias evocam lugares de múltiplas experiências – vinculadas ao trabalho e ao lazer – que se desfiguram ante as adversidades impostas:

*“Me lembrei da feira velha/A coisa mais animada/Mulher trazia chapéu/E esteira de carrada/Hoje é de mãos nos queixo/E as carnaúbas afogada”. “Acabou-se as carnaúba/ E as terras da agricultura/ Acabou-se as criação/ Que havia com fartura/ Hoje só se vê choradeira/ Clamor, tristeza e amargura.”<sup>5</sup>*

É nesse sentido que se dá aqui a busca por uma nova possibilidade de historicizar esse processo a partir da revisita as memórias e as narrativas não oficiais e não oficializadas, inscritas na vida de sujeitos que vivenciaram a sujeição e as tentativas de silenciamento, não só de suas vozes, mas também de seus sonhos e de suas artes de existência, cuja negação estava implícita no projeto modernizador que propugnava um modelo de desenvolvimento pautado na lógica do mercado.

Nessa caminhada, seguindo esses rastros de memória, é possível valer-se de alguns indícios desse passado já registrados em pesquisas relacionadas ao Projeto Baixo-Açu, que podem nos colocar em contato com entrevistas dadas por trabalhadores rurais, narrando acontecimentos relativos à vivência pessoal e coletiva do evento, responsável por uma sensível alteração das formas como se dava a relação com a natureza e as experiências sociais, essas últimas entendidas aqui como os vínculos estabelecidos entre comunidades, vizinhanças e famílias, abarcando ainda o mundo do trabalho.

### **3 História Local e Educação Patrimonial**

Trazer a história local para a sala de aula pressupõe munir-se de um instrumental teórico-metodológico que possibilite ao professor de História vencer preconceitos, que

permeiam não apenas o ambiente acadêmico, mesmo após longos e acalorados debates, mas também o espaço escolar onde os assuntos apresentados no livro didático ganham *status* superior e a temática local é relegada a segundo plano, mesmo porque “*não cai no vestibular*”, fato mais que suficiente – na visão de alguns, para justificar sua ausência ou desqualificação. Vale lembrar que a resistência à História Local na escola básica ocorre com maior evidência nos níveis fundamental II e médio, uma vez que na educação infantil, um das estratégias metodológicas é partir de círculos próximos (família, bairro, município), praticamente não se visibiliza a refutação da história local.

Há, contudo, inúmeras dificuldades narradas pelos educadores na abordagem da história local, entre as quais, a carência de material ocupa um lugar importante. É nesse ponto que gostaria de estabelecer os vínculos entre história local e educação patrimonial, elegendo o patrimônio histórico como eixo importante nesta relação. Convém explicitar que a noção alargada de patrimônio histórico – para além dos edifícios – abarca como explicita Oriá (1998) “*o patrimônio documental e arquivístico, bibliográfico, hemerográfico, oral, visual, museológico, enfim, o conjunto de bens que atestam a História de uma dada sociedade*”. Dessa forma, entendemos que é indispensável para a produção e o ensino na área da História Local a construção e organização de acervos que possam subsidiar os professores-pesquisadores na consecução de seus projetos e oferecer a todos o acesso aos materiais que os permitam reconhecer as vinculações com o passado e construir referências identitárias, garantindo-lhes o direito à cidadania cultural.

Compreendemos a relevância da história local para a educação patrimonial na perspectiva em que sujeitos históricos anônimos e tradicionalmente marginalizados ocupam a cena da história, rompendo o caráter elitista veiculado nos manuais didáticos nos quais não há lugar para as pessoas comuns e para os acontecimentos que se encontram distantes dos pólos hegemônicos, muito próprio das narrativas generalizantes. Uma vez reconhecendo-se na história, esses sujeitos concebem sua dinâmica e vivacidade, e ao observarem o quanto do presente é passado transformado e vice-versa, edificam a identidade social e cultural e conferem à História outros significados, podendo potencializar ações que projetem o futuro.

O que as novas gerações sabem da antiga São Rafael? O que representa para elas o Projeto Baixo-Açu? Em que medida as vidas dos trabalhadores rurais foram afetadas? Como entender a angústia daqueles que se dispersaram e ao retornarem como visitantes se recusam a olhar a torre da Igreja Matriz – único lugar não coberto pelas águas? Os jovens são-rafaelenses que se divertem ao realizar passeios de barco, levando turistas que desejam se aproximar da torre da matriz em meio as águas da barragem, têm o direito de saber como as gerações anteriores vivenciaram o naufrágio de seus lugares de memória, para que possam refletir sobre suas perdas, analisar os motivos que as “justificaram” e compreenderem as relações entre esse passado e o presente, motivando-os a perseguirem sonhos submersos e promessas ainda não cumpridas, forjando o exercício da cidadania política e social.

Nessa perspectiva, as memórias dos que experimentaram o processo de deslocamento/relocamento da antiga para a nova São Rafael em razão da construção da Barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves constituem um rico material documental na elaboração de propostas para o ensino da história local e educação patrimonial com vistas a apreender historicamente os vínculos entre diferentes gerações, fortalecendo a identidade social de uma coletividade, pressupostos para o exercício da cidadania.

#### **4. Considerações Finais**

Sobre a história local, a perspectiva de abordagem foge ao localismo redutor das conexões entre temporalidades e espacialidades diversas e pensa as singularidades das experiências que não são perceptíveis à luz das generalizações. Quanto à educação patrimonial, especificamente no que diz respeito à memória, dimensão intangível desse patrimônio, referencio a proposta na discussão realizada por Nogueira (2008) redirecionando o olhar para ações que objetivem a produção do conhecimento, a constituição de acervos e documentários e a salvaguarda de toda a produção de natureza artística, científica ou literária que se encontram em instituições diversas ou com particulares. Essas ações devem em primeira instância promover a sensibilidade de diferentes grupos sociais que, mobilizados em torno da temática, transformar-se-ão em agentes do processo, superando a idéia de que o Estado é o único responsável pela guarda e preservação do patrimônio. Longe dos extremismos, não se trata aqui de

defender essa exclusividade para a sociedade. O que propomos é a ampla participação dos sujeitos nas diferentes etapas do processo, sem prescindir do Estado na oferta de suportes que viabilizem tais ações.

No tocante as narrativas, questão relevante nessa discussão, penso sua riqueza na dimensão de suas representações (MONTENEGRO, 2003), que vão além da exposição dos fatos ou acontecimentos passados, para incidir sobre como foram sentidos, percebidos e vividos por sujeitos históricos reais, indivíduos ou coletividades. Como nos diz Portelli (1997) a oralidade trata também “*daquilo que deixou de acontecer, aquilo que poderia ou deveria ter acontecido*”. Fugidias e carregadas de subjetividades, as memórias que emergem nas narrativas de Rafael Arcanjo têm a dimensão da desilusão e da esperança, sendo a barragem a causa das perdas materiais e imateriais no presente e a luta organizada dos trabalhadores em prol da reforma agrária, a possibilidade de ganhos futuros. Pretender acessar o passado recente de São Rafael através da narrativa oral, possibilita encontrar, nos meandros dessas memórias, experiências sociais agregadoras de um saber vilipendiado em nome de outras técnicas e estratégias, que traziam em seu bojo interesses estranhos ao lugar e aos trabalhadores rurais. Esses interesses são percebidos pelos trabalhadores no constante questionar e indagar presentes em suas falas. Essas memórias entram em disputa com a história oficial edificadora de memórias dominantes (LE GOFF, 1984) justificadoras de projetos autoritários (FERNANDES, 1992) que almejam silenciar e excluir outros sujeitos sociais do processo histórico.

## Notas

<sup>1</sup> Rio que nasce na Paraíba e adentra o Rio Grande do Norte formando a maior bacia hidrográfica do território potiguar. Em sua área foi construída a Barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves.

<sup>2</sup> O Projeto incluía a construção da barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves com capacidade para 2,4 milhões de m<sup>3</sup> de água. Esse projeto teve início em meados de 1970, com a assinatura do Decreto n<sup>o</sup> 76.046 que tornava pública e passível de desapropriação uma área estimada em 158.476,84 hectares.

<sup>3</sup> Na mitologia Teseu é o herói grego que entra no labirinto para matar o Minotauro auxiliado pela princesa Ariadne. É a ponta do novelo amarrada à porta do labirinto que permite aos dois percorrerem os intrincados caminhos do labirinto sem risco de perder-se.

<sup>4</sup> Trata-se de sua dissertação de mestrado apresentada à PUC/São Paulo, intitulada *História que o povo conta: opressão e resistência*. Segundo Nazira Abib O. Vargas, as entrevistas com trabalhadores rurais para a pesquisa em tela contabilizaram 80 horas de gravações.

<sup>5</sup> Mensagem a Antônio Conrado. In: SILVA, Roberto Marinho Alves da et al ( orgs.) **Rafael Arcanjo da Costa: Poética veia profética**. Natal/RN: Gráfica Líder e Editora, s/d.



---

## Referências Bibliográficas

CARVALHO, Jô ( coord.). **São Rafael: memória de uma cidade submersa.** Natal/RN: EDUFRN, 1999.

FERNANDES, Ana Amélia. **Autoritarismo e Resistência no Baixo-Açu.** Natal: CCHLA, 1992. Coleção Humanas Letras e Vale do Açu.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 1ª Ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada.** 5ª Ed. São Paulo, Contexto, 2003.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Patrimônio Cultural e novas políticas de memória. In: RIOS, Kênia Sousa e FILHO, João Ernani Furtado ( orgs.) **Em tempo: História, Memória, Educação.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

ORIÁ, Ricardo. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe ( org.) **O saber histórico na sala de aula.** 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SILVA, Aldenor Gomes da. Trabalho e tecnologia na produção de frutas irrigadas no Rio Grande do Norte – Brasil. In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa (Org.) **Globalização, trabalho, meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999. p.171-220.

SILVA, Roberto Marinho Alves da et all ( orgs.) **Rafael Arcanjo da Costa: Poética veia profética.** Natal/RN: Gráfica Líder e Editora, 1998.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.* In: Ética e História Oral. **Projeto História.** Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, Vol. 15, 1997, PP. 13-49.

VALENCIO, N.F. 1995. **Grandes projetos hídricos no Nordeste: suas implicações para a agricultura do semi-árido.** Natal: Ed. Universitária UFRN, (Coleção Vale do Açu, v. 8).

VARGAS, N.A.O. **História que o povo conta: opressão & sobrevivência.** Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987

\_\_\_\_\_. **Beiradeiros do Baixo-Açu: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa.** Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1987.